

LINGUASAGEM

O FUNCIONAMENTO DA *TROLLAGEM* NA POLÍTICA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE EFEITOS DE HUMOR NO DISCURSO RACISTA DA EXTREMA DIREITA

Myllena Nascimento¹

RESUMO

Este trabalho pretende analisar alguns aspectos do funcionamento da *trollagem* no discurso político racista da extrema direita brasileira. Para tal propósito, elegemos como objeto de nossa análise uma fala pública do ex-presidente do Brasil Jair Bolsonaro (Partido Liberal), proferida no dia 8 de julho de 2021. Considerando sua inscrição em certo limiar entre o humor e o discurso de ódio e sua circulação digital, buscaremos identificar, descrever, categorizar e interpretar importantes propriedades da prática da *trollagem* racista, a produção de seus efeitos e a materialização de seus afetos. Além disso, indicaremos algumas das possíveis mutações discursivas que a *trollagem* parece promover em modos de dizer do discurso de ódio no campo político. Com vistas a alcançar esses objetivos, nosso trabalho se fundamentará nos postulados, noções e procedimentos da Análise do discurso de linha francesa e em aportes do pensamento de Michel Foucault sobre a ordem do discurso.

PALAVRAS-CHAVE: *Trollagem*; Discurso político racista; Extrema direita.

ABSTRACT

This paper aims to analyze some aspects of how trolling works in the racist political discourse of the Brazilian far right. To this end, we have chosen as the object of our analysis a public speech by former Brazilian president Jair Bolsonaro (Liberal Party), delivered on July 8, 2021. Considering its inscription on a certain threshold between humour and hate speech and its digital circulation, we will seek to identify, describe, categorize and interpret important properties of the practice of racist trolling, the production of its effects and the materialization of its affects. In addition, we will indicate some of the possible discursive mutations that trolling seems to promote in ways of saying hate speech in the political field. In order to achieve these objectives, our work will be based on the postulates, notions and procedures of French discourse analysis and on contributions from Michel Foucault's thinking on the order of discourse.

KEYWORDS: Trolling; Racist political discourse; Far right.

¹ Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UFSCar). Bolsista FAPESP [Processo nº 2023/03218-9]. Membro dos grupos de pesquisa LABOR (CNPq), VOX (CNPq) e Observatório do Discurso (CNPq). E-mail: myllenanascimento@estudante.ufscar.br.

Introdução

Durante o nosso Mestrado, nos dedicamos a uma análise discursiva do uso da *trollagem* no contexto político eleitoral brasileiro contemporâneo e de suas condições históricas de emergência, focalizando seu lugar no limiar entre humor e discurso de ódio, sua materialização em certos gêneros e suas propriedades e efeitos na construção da virilidade dos enunciadores, de sua homofobia e de sua xenofobia (Nascimento, 2022). Dessa forma, analisamos a emergência, o funcionamento, a caracterização e os sentidos da prática da *trollagem* política no contexto brasileiro mediante um exame discursivo, sobretudo, de memes políticos, mas também de algumas falas e gestos públicos.

O contexto imediato das condições históricas de produção dos enunciados analisados abrangeu o período que se estendeu do início da campanha presidencial de 2018 até o final do terceiro ano do mandato de Jair Bolsonaro na presidência da República e compreendeu um conjunto de dados produzidos por políticos, porta-vozes e adeptos da extrema-direita brasileira, veiculados nas redes sociais bolsonaristas e em diversos veículos da mídia nacional.

Segundo as categorizações e classificações da agressividade verbal no discurso político brasileiro, desenvolvidas por Chiari (2021), nossas análises identificaram um alto grau de agressividade no funcionamento discursivo da *trollagem* na política brasileira. Considerando estas variáveis da agressividade, *controle*, *pureza* e *intolerância*, concluímos que os memes, falas e gestos analisados se caracterizam preponderantemente pelo descontrole, pela pureza e pela intolerância. Não obstante esse alto grau de agressividade nas três materialidades analisadas, identificamos uma divergência e uma hierarquia entre elas, pois as falas públicas materializaram uma agressividade ainda mais explícita que os gestos públicos e os memes políticos. Nessas falas, a presença de um manifesto discurso de ódio e de excessos na produção de um humor bastante agressivo e as ausências de efeitos de atenuação ocorreram de forma muito constante e acentuada.

Ademais, há uma quebra de expectativa com tais presenças e ausências em falas públicas pelo fato destas serem, historicamente, mais polidas do que os textos de gêneros mais propensos ou destinados à produção do humor. Essas constatações gerais sobre a dimensão discursiva da *trollagem* política não correspondem a um apagamento das divergências que ela produz sobre os sujeitos de uma sociedade. Como um dos resultados de nossa pesquisa, identificamos uma série de diferenças no modo como sujeitos de classes e grupos sociais diversos são afetados pela *trollagem*, através do exame de alguns

aspectos de sua recepção em enunciados que a replicaram, que lhe responderam ou que a contestaram.

Em relação às formas de agressividade, distinguimos no funcionamento da *trollagem* cinco categorizações. São elas: ridicularização ou repreensão da fala do outro; alusões ou insinuações feitas por uma fala de si para desqualificar o outro; ataques diretos e repetições enfáticas relacionadas à moral ou à conduta do oponente; ironias ríspidas e derrisões; e, por fim, estigmatizações que conferem propriedades animais aos insultados, que hiperbolizam determinadas características físicas e que fazem referência a aspectos escatológicos (Nascimento, 2022).

Desse modo, a intensidade e a recorrência da *trollagem* sob essas diversas formas de uma intensa agressividade verbal nos mostram o quanto essa prática vem produzindo mutações e descontinuidades no discurso político brasileiro e o quanto essa estratégia discursiva tem sido essencial para a constituição estética da extrema direita, principalmente em relação ao uso do discurso de ódio sob o véu da pretensa inocuidade humorística. Por consequência, essa estratégia produz discursos que operam com o intuito de ridicularizar o inimigo político e de perseguir sujeitos que são historicamente colocados à margem da sociedade, como a população preta.

Para o desenvolvimento de nossos trabalhos sobre a *trollagem* no campo político, temos estabelecido como um de nossos pontos de partida o modo como Lamerichs *et al.* (2018) concebem essa noção. Conforme postulam esses autores, a *trollagem* não pode ser reduzida somente a um “ato de postar mensagens e memes de ódio”, mas deve ser, antes, entendida “como um fenômeno mais amplo por meio do qual os usuários se envolvem em um comportamento influente e tóxico” (Lamerichs *et al.* 2018, p. 182-183, tradução nossa²). Nestes termos, a *trollagem*, na ordem do discurso político e sob a aparência de um discurso humorístico e inofensivo, viabiliza uma escalada de discursos autoritários e conservadores, provocando uma significativa modificação do uso do humor no cenário político e fomentando o recrudescimento de discursos de ódio direcionados a determinados grupos sociais.

Conforme mencionamos, nossa proposta pretende analisar alguns aspectos do funcionamento da *trollagem* racista no discurso político da extrema direita brasileira. Para tanto, elegemos como objeto de nossa análise uma fala pública do ex-presidente do Brasil

² No original: “not only as an act of posting hateful messages and memes, but as a wider phenomenon through which users engage in influential, toxic behavior” (Lamerichs *et al.* 2018, p. 182-183).

Jair Bolsonaro (Partido Liberal), proferida no dia 8 de julho de 2021. Considerando sua inscrição em certo limiar entre o humor e o discurso de ódio e sua circulação digital, buscaremos identificar, descrever, categorizar e interpretar importantes propriedades da prática da *trollagem* racista, a produção de seus efeitos e a materialização de seus afetos. Além disso, indicaremos algumas das possíveis mutações discursivas que a *trollagem* parece promover em modos de dizer do discurso de ódio no campo político.

Com vistas a alcançar esses objetivos, nosso trabalho se fundamentará nos postulados, noções e procedimentos da Análise do Discurso de linha francesa e em aportes do pensamento de Michel Foucault sobre a ordem do discurso. As análises desse *corpus* confirmam a nossa hipótese de que a prática discursiva da *trollagem* política vem promovendo algumas mutações discursivas em modos de dizer do discurso de ódio na esfera política, fomentando o recrudescimento de discursos agressivos direcionados a determinados sujeitos sociais.

Fundamentação teórico-metodológica

Nossa fundamentação teórico-metodológica é oriunda da Análise do Discurso de linha francesa, derivada do filósofo Michel Pêcheux, além do aporte do pensamento de Michel Foucault para os estudos do discurso. Isto posto, utilizaremos, neste artigo, um procedimento já bem consolidado na AD, a saber, o estabelecimento de relações de equivalência e de encadeamento entre os enunciados dos textos e entre os textos do *corpus* e suas condições de produção. Essas relações são constituídas mediante a identificação e montagem de cadeias parafrásticas, que se situam no interior das formações discursivas e que nos possibilitam depreendê-las. Serão ainda consideradas as relações entre as diferentes formações discursivas (FDs) identificadas, que, por sua vez, estão articuladas a diferentes condições de produção do discurso e às posições de seu enunciador, neste caso, o ex-presidente do Brasil Jair Bolsonaro.

As FDs determinam o que se diz e os modos do dizer e se estabelecem como matrizes da produção do sentido. Em resumo, a polissemia constitutiva da linguagem é passível de ser interpretada a partir da identificação das paráfrases construídas pelo discurso em suas diversas condições de produção. Aqui, os textos são concebidos como unidades que permitem ao analista ter acesso à constituição histórica dos discursos. Além de sua constituição, examinaremos a formulação e a circulação dos trechos a serem analisados. O exame do modo como esses enunciados são formulados buscará identificar

suas seleções lexicais, seus encadeamentos sintáticos, suas modalidades enunciativas, a ordenação de suas partes e a construção textual de seus referentes por meio de várias formas remissivas. A conjunção entre a retomada de já-ditos do interdiscurso e o emprego desses referidos recursos na formulação discursiva dos enunciados dos trechos analisados incide na produção de determinados efeitos de sentido e na construção das imagens e das relações entre os interlocutores.

Já a circulação discursiva também será considerada com base nos desenvolvimentos da AD sobre esse plano, tal como em Orlandi (2001), e em suas articulações com estudos renomados à difusão da *trollagem* como elemento constitutivo da estética da extrema direita. A análise de elementos da constituição, da formulação e da circulação dos enunciados da *trollagem* política contemplará ainda a dimensão afetiva materializada em seus discursos, conforme a conjunção entre a AD e a *História das Sensibilidades*, tal como concebida por Piovezani, Curcino e Sargentini (2024).

Nessa abordagem discursiva da *trollagem* da extrema direita, empregaremos ainda contribuições do método arqueológico e das reflexões de Michel Foucault sobre a ordem do discurso. O filósofo francês postula que para a análise dos enunciados devem ser considerados quatro elementos da função enunciativa: o referencial, a posição-sujeito, o campo associado e a existência material. Postas essas quatro características da função enunciativa, a descrição dos enunciados examina a construção de seu referente e sua relação com um domínio de objetos, o jogo de posições possíveis para um sujeito do discurso, a inscrição de seu dizer num campo de coexistência e sua materialidade repetível.

No pensamento foucaultiano, o discurso é marcado pela raridade, pois é “o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas” (Foucault, 2016, p. 33). Mediante a essa condição rara do discurso, nos cabe formular e responder à seguinte questão: “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (Foucault, 2016, p. 31). Por seu turno, esses raros enunciados que são efetivamente ditos devem ser concebidos como *monumentos*, de maneira que a análise arqueológica dos discursos interroge “a linguagem, não na direção a que ela remete, mas na dimensão que a produz” (Foucault, 2016, p. 129). Em sua reflexão sobre a discursividade, Foucault indica a existência da separação entre os enunciados que serão mais ou menos conservados e aqueles que serão mais rapidamente esquecidos. Os graus diversos de dizibilidade, conservação, validade, reativação e apropriação estão contemplados na definição que Foucault consagrou à

noção de arquivo, que consiste num conjunto de regras que, numa época dada e por uma sociedade determinada, determinam

- os limites e as formas da dizibilidade: de que é possível falar? O que foi constituído como domínio do discurso? (...)
- os limites e as formas da conservação: quais são os enunciados destinados a passar sem vestígio? Quais são os que são destinados, ao contrário, a entrar na memória dos homens? (...) – os limites e as formas da memória tal qual ela aparece nas diferentes formações discursivas: quais são os enunciados que cada um reconhece válidos ou discutíveis, ou definitivamente invalidados? (...)
- os limites e formas de reativação: entre os discursos das épocas anteriores ou das culturas estrangeiras, quais são os que retemos, que valorizamos, que importamos, que tentamos reconstituir? (...)
- os limites e as formas de apropriação: quais indivíduos, quais grupos, quais classes têm acesso a tal tipo de discurso? (Foucault, 2010, p. 10)

Dessa forma, utilizaremos em nossas análises os pressupostos teóricos e os procedimentos analíticos discutidos ao longo dessa seção com o intuito de alcançarmos os nossos objetivos. Teceremos, na próxima seção, algumas considerações sobre o discurso humorístico e o discurso de ódio e as discontinuidades que esses vêm promovendo na ordem do discurso político, além das principais características sócio-históricas e discursivas da *trollagem*.

Do humor ao ódio: discontinuidades na ordem do discurso político

Uma das principais transformações que o discurso político vem enfrentando nas últimas décadas é o uso relativamente frequente de um humor agressivo. O humor é uma característica importante das relações sociais nas mais diversas sociedades humanas e os registros de seus papéis e funcionamentos no chamado mundo ocidental remontam ao menos até a Grécia Antiga.

Souza (2017) assevera que, historicamente, uma das principais marcas do humor é a transgressão, isto é, o confronto das condutas de boa convivência partilhadas no âmbito social. Entretanto, a despeito desta condição geral, “o modo como o humor será interpretado depende do contexto sócio-histórico em que ele se apresenta: aquilo que é banalizado em determinada época pode chocar em outra (ou o contrário)” (Souza, 2017, p. 23). Desse modo, de maneira semelhante a outras marcas sociais, a linguagem humorística mantém, em divergentes condições históricas de produção, algumas continuidades discursivas, mas também vem sofrendo mudanças e até mesmo rupturas,

que são responsáveis pela emergência de novas formas de humor e de apropriação de suas práticas discursivas por novos sujeitos sociais. No âmbito do espaço público, especialmente nas democracias representativas modernas, os atores políticos vêm se favorecendo da possibilidade de utilizar o discurso humorístico na produção de efeitos de aproximação e de distanciamento com a população/eleitorado e de crítica e ataque a seus adversários políticos.

A despeito da possível impressão de que os enunciados humorísticos sempre foram regulares no campo político, provenientes de sua constância nos discursos da política contemporânea, a presença mais acentuada do humor em discursos desse campo, especialmente, de um humor ríspido, tal como encontramos em vários enunciados da *trollagem*, é fenômeno relativamente recente. Isso porque a graça e o riso demoraram para alcançar um espaço relevante em seu interior, por conta de certo desencontro entre a seriedade da política e a diversão do humor. Uma das regras desse campo consiste justamente no tratamento não sério dos fatos (Possenti, 2020). No cenário político eleitoral brasileiro, pode-se dizer que assistimos a uma sensível mutação em relação ao que era mais ou menos regular até então nas campanhas presidenciais na eleição presidencial de 2014: um uso intenso das redes sociais.

Considerando a repercussão dos debates presidenciais daquelas eleições no no X (antigo *Twitter*), Recuero (2016) identifica dois pesos e duas medidas nas postagens que abordaram os desempenhos de Aécio Neves e de Dilma Rousseff. O candidato é bem mais poupado de críticas do que foi a presidenta. Mais do que isso, nas críticas à Dilma havia uma contundência e uma virulência ausentes nas destinadas a Aécio. Entre as referências negativas à Dilma, se encontram as seguintes nas postagens analisadas: ruim, burra, ridícula, despreparada, gaga, confusa, nervosa, perdida, vergonha, fraca, esquisita, enrolada, incompetente, incoerente, baixa, louca, feia, vaca, mula e atacada (Recuero, 2016). Uma das conclusões desse estudo é que Dilma Rousseff foi menos elogiada do que Aécio Neves, e que os relativamente poucos elogios que recebeu foram vagos e que ela foi “mais duramente criticada e suas ofensas são bastante sexistas e diretamente relacionadas a papéis de gênero” (Recuero, 2016, p. 178). As ocorrências desses termos com altíssima carga ofensiva se dividiram, grosso modo, entre ataques violentos manifestos e escamoteados pela *trollagem*.

Ao menos desde então, a aposta no uso das redes sociais como uma forma de personalização dos candidatos e de sua aproximação com os usuários/eleitorado criou condições de possibilidade para o uso estratégico do humor agressivo que, comumente, é

usado com o objetivo de criticar de forma contundente o adversário político. Desse modo, o discurso humorístico passou a atuar como uma espécie de rota de fuga para tentar contornar os históricos procedimentos de controle do discurso (Foucault, 2014), aqui, mais precisamente, do discurso político.

No entanto, entre as campanhas de 2014 e 2018 assistimos ainda a uma considerável ampliação e intensificação na recorrência e no grau de agressividade do humor. Isso porque, nesse meio tempo, e sobretudo nas eleições de 2018, o humor agressivo utilizado como materialização do discurso de ódio esteve cada vez mais presente no campo político, particularmente, em contexto eleitoral. Em boa medida, esse elevado grau de agressividade no cenário político eleitoral brasileiro ora com ora sem humor produzia uma “desqualificação do outro por meio de ataques, provocações, ameaças e acusações diretas” (Chiari, 2021, p. 38). Dessa forma, o humor, nas atuais democracias competitivas e fragilizadas, como é o caso brasileiro, vem-se apresentando particularmente agressivo, promovendo, sobretudo, a polarização e a depreciação do oponente (Georgalidou, 2011). É esse tipo de humor agressivo com marcante e variada carga afetiva de ódio, regularmente utilizado pelos partidários da extrema-direita em diversas partes do mundo, que caracteriza a *trollagem*.

O discurso de ódio vem sendo um objeto preocupante para órgãos humanitários mundiais e fez a Organização das Nações Unidas lançar, em maio de 2019, um documento circunscrevendo uma *Estratégia e plano de ação sobre o discurso de ódio*. Não há uma definição homogênea usada internacionalmente para a expressão *discurso de ódio*; o que tem ocorrido é certa disputa entre algumas definições para estabelecer o que seria algo odioso, assim como vários debates e controvérsias sobre o tema. Uma de suas definições toma como base esta passagem de um documento da ONU:

O termo discurso de ódio é entendido como qualquer tipo de comunicação que se dê pela fala, pela escrita ou pelo comportamento que ataca ou usa linguagem pejorativa ou discriminatória para se referir a uma pessoa ou a um grupo com base em quem eles são, em outras palavras, com base em sua religião, etnia, nacionalidade, raça, cor, descendência, gênero ou outro fator de identidade (United Nations, 2019, p. 2, tradução nossa³).

³ No original: “the term hate speech is understood as any kind of communication in speech, writing or behaviour, that attacks or uses pejorative or discriminatory language with reference to a person or a group on the basis of who they are, in other words, based on their religion, ethnicity, nationality, race, colour, descent, gender or other identity factor” (United Nations, 2019, p. 2).

O documento salienta que a tendência crescente dos usos do discurso de ódio é derivada de uma turbulenta onda de racismo, xenofobia e intolerância de diversas ordens, incluindo o aumento de discursos injuriosos contra muçulmanos, judeus e a perseguição a cristãos em alguns países. As mídias sociais e outras formas de comunicação vêm sendo usadas como veículos de intolerância e a facilidade da circulação desses discursos nas redes concorrem para o recrudescimento de movimentos neonazistas.

Por conta de seus altos graus de adesão e mobilização, uma parte da classe política, sobretudo a extrema direita, está usando em seu benefício esses discursos de ódio e recursos de uma retórica incendiária que desumanizam, estigmatizam e perseguem minorias, migrantes, pessoas pretas, mulheres e qualquer sujeito que possa ser classificado como o outro. Nesse quadro, há considerável produção e reprodução de discursos que tematizam o direito de dizer tudo, com base na defesa de uma certa ideia de liberdade de expressão e no ataque ao que se identifica como *politicamente correto*.

Na obra *Discurso de ódio: uma política do performativo* (2021), Judith Butler discorre e se posiciona sobre a discussão acerca do direito ou da criminalização desse discurso. A autora analisa um conjunto de enunciados do discurso de ódio direcionados à comunidade LGBTQIA+, à mulheres e à pessoas pretas, e, ainda, uma série de posições a propósito da equivalência ou não entre linguagem e ação, entre violência simbólica e violência física, com base na articulação das noções de performatividade, força ilocucionária e perlocucionária dos enunciados, entre outras, elaboradas na teoria dos atos de fala, derivada de John Austin, em postulados de Louis Althusser, de Jacques Derrida, de Shoshana Felman, de Michel Foucault, entre outros.

Sua perspectiva de análise destaca o poder ambivalente das palavras do discurso de ódio, uma vez que elas insultam, ameaçam e rebaixam o outro odiado, mas também podem ser reapropriadas por estes últimos e usadas como uma forma de contragolpe, com o qual se produz uma forma de constituição e reconhecimento de identidade. Butler (2021) insiste na força agencial dessa reapropriação e no alerta para os perigos de se outorgar ao Estado e a seus braços jurídicos o total controle das definições do que é e do que não é discurso de ódio e do estabelecimento dos limites entre o dizível e o indizível.

A obra da autora considera o discurso de ódio tomando como ponto de partida um relativo consenso segundo o qual se afirma que “as palavras machucam” e que o efeito de um insulto racial, por exemplo, “é ‘como levar um tapa na cara’” (Butler, 2021, p. 16). Esses enunciados e outros semelhantes sugerem uma equivalência entre a injúria linguística e a injúria física. Butler não nega que a violência verbal fere o outro, mas

sustenta que ela não é idêntica ao ataque físico. Entretanto, isso não significa que não exista uma dimensão somática na *dor linguística*. O discurso de ódio fere o odiado na dimensão psíquica e afetiva, mas também em seu corpo.

Entre outros efeitos, “os nomes pelos quais o sujeito é chamado parecem incutir o medo da morte e a incerteza acerca de sua possibilidade de sobreviver” (Butler, 2021, p. 18). Considerando essa posição de Butler, podemos sustentar o seguinte: a violência de linguagem não é a própria violência física, mas i) já é em si mesma uma violência e não uma mera representação, ii) concorre direta ou indiretamente e de diversas formas para sua execução e iii) nega, de modo análogo à agressão corporal, a linguagem aos violentados, recusando, dessa maneira, a reconhecer integralmente sua própria condição humana.

Reconhecemos, a partir de uma abordagem discursiva do discurso de ódio, os processos históricos e as estruturas sociais presentes nos condicionamentos da seleção lexical, das modalidades enunciativas, das opções sintáticas e dos modos de referência e interpelação do outro de que se valem seus enunciadores. A constituição dos sujeitos e dos sentidos se processa no interior dessa ordem discursiva. Assim, por exemplo, mediante Butler (2021), o caráter interpelativo do chamamento injurioso possibilita tanto a paralisação daquele ao qual é dirigido como também lhe oferece condições de contestação das denominações ofensivas.

Em sua reflexão sobre o discurso de ódio, Butler trata das injúrias, das ameaças e das ofensas, mas não dos gêneros do humor como uma forma de materialização desse discurso. A *trollagem* é um recurso discursivo frequentemente empregado pela extrema direita, que se configura como um modo de dizer injurioso, no qual esse discurso de ódio é encoberto pelo humor. Em razão da presença dos efeitos de humor, as tentativas de rebaixamento do outro e de sua inscrição numa posição abjeta podem se tornar mais aceitáveis.

De forma semelhante à abordagem que reflete sobre o poder agencial do discurso de ódio⁴, Piovezani e Gentile (2020) apontam para a escalada de práticas e discursos de ódio contra minorias sociais em diferentes contextos em que a extrema direita se consolidou, tal como ocorreu na Itália entre as décadas de 1920 e 1940 e, no Brasil, a partir da segunda década do século XXI até a presidência da República em 2018. Esses e

⁴Ahmed e Fielitz (2021) indicam a relação entre humor e discurso de ódio produzido pelos grupos de extrema direita ao redor do mundo, além da importância de combater a esses discursos por parte dos regimes democráticos.

outros especialistas na linguagem fascista sustentam que os recursos dessa linguagem participam decisivamente da estética da extrema direita e dos processos de aceitação e reprodução crescentes de discursos de ódio e de práticas de violência. Uma das razões da eficácia do discurso de ódio consiste no fato de que partidários da extrema direita têm bastante sucesso na ampliação de suas ideologias por meio de suas narrativas e de suas maneiras de contá-las. Entre as histórias relatadas e os modos de seus relatos, o humor tende a ser tão constante quanto frequentemente ele é subestimado. De fato, os efeitos do humor contribuem em larga medida para a edulcoração dessas histórias e de suas formas de narrá-las, facilitando a reprodução e a disseminação do ódio.

A *trollagem* é uma das formas típicas de materialização dos discursos de ódio que produzem efeitos de humor. O primeiro registro do termo *troll* data de 1979 e suas primeiras ocorrências se deram na plataforma *Usenet*, criada naquele mesmo ano, nos Estados Unidos⁵. Mas seu uso e de seu correlato *trollagem* somente se tornaram frequentes no início da década de 2010. Desde então, aconteceu uma migração de boa parte dos *trolls* desse tipo de plataforma para as redes sociais como X (antigo *Twitter*), *Facebook* e *Tumblr*, devido principalmente à ascensão da *alt-right* (abreviação do termo *alternative-right*, ou *direita-alternativa* em português) no contexto político ocidental, sobretudo na campanha de Donald Trump nas eleições presidenciais dos Estados Unidos, em 2016.

Dentre as várias práticas discursivas (Foucault, 2016) da direita alternativa, a *trollagem* se destaca como uma das mais notáveis. Mais do que isso: as extremas direitas mundiais desenvolveram efetivamente uma maestria na arte da *trollagem* e essa arte foi muito empregada e bem-sucedida no Brasil contemporâneo. Reconhecemos o *modus operandi* dos *trolls* brasileiros, que, em boa medida, mas não integralmente, dadas as singularidades de nossa história e sociedade, reproduzem o comportamento de um típico *troll*. Nas redes sociais e nas plataformas da internet, um *troll* é

alguém que promove a discórdia online, provocando fortes reações emocionais nos leitores e, muitas vezes, mudando o assunto da conversa. A *trollagem* nem sempre tem um propósito político óbvio; um *troll* pode não estar procurando nada além de um momento de diversão niilista. A *trollagem* pode assumir a forma de insultos à aparência de alguém ou dar deliberadamente maus conselhos sobre um problema tecnológico, por exemplo. Mas a *Alt-Right* usa a *trollagem*

⁵*Usenet* é uma rede distribuída, ou seja, uma rede que não é controlada por uma única fonte. Ela funciona com servidores de diferentes *hosts* se alimentando mutuamente, distribuindo e armazenando dados. Em tal rede, os usuários postam mensagens de texto em fóruns que são agrupados por assunto.

com um propósito. Ao sair de sites especificamente voltados a um público radical de direita e participar de discussões em outros fóruns, como, por exemplo, nas seções de comentários dos principais locais de notícias, YouTube e, especialmente no Twitter, a Alt-Right é capaz de fazer circular amplamente sua mensagem. Trolls da Direita Alternativa ajudam a dispersar as visões do movimento muito além do que seria possível se o movimento só pudesse estar presente em suas próprias plataformas (Hawley, 2017, p. 19-20, tradução nossa⁶).

Assim, a *trollagem* seria, primeiramente, uma prática discursiva que ataca a sensibilidade do interlocutor ou de uma terceira pessoa e que pode desviar o assunto em discussão. Com a produção dos efeitos de humor como objetivo e como escusa, o sujeito da *trollagem* se vale de meios agressivos empregados em sua conquista. Mas, além disso, a *trollagem*, tal como utilizada pela direita alternativa, é ainda uma prática discursiva que auxilia na disseminação de mensagens produzidas inicialmente no interior do movimento, lançando mão do humor para uma distribuição mais otimizada de *mensagens* de ódio.

A *trollagem* racista na fala pública de Jair Bolsonaro

A arqueologia da fala pública é marcada por continuidades e descontinuidades que estão diretamente ligadas às relações de poder intrínsecas ao discurso político. Courtine e Piovezani (2015) afirmam que, apesar de não ser uma característica exclusiva do discurso político, a fala pública é um aspecto primordial deste e seu objetivo relativamente manifesto compreende a preservação ou a conquista da adesão ideológica. Por consequência da dependência entre fala pública e política, os modos de os oradores dirigirem-se ao seu público mudam no tempo e no espaço, conforme as modificações dos regimes de governo, os padrões sócio-históricos de uma determinada cultura, os dispositivos tecnológicos e as condições subjetivas.

O percurso da Análise do Discurso assimila essa mutação dos modos de dizer da fala pública no discurso político. Ao empreender uma análise acerca das metamorfoses do discurso político, Courtine (2006) assevera que as mídias modernas possibilitaram o

⁶ No original: “someone who fosters discord online, provoking strong emotional reactions from readers and often changing the topic of conversation. Trolling does not always have an obvious political purpose; a troll may be looking for nothing but a moment of nihilistic amusement. Trolling can take the form of insulting someone’s appearance or deliberately giving bad advice about a technological problem, for example. But the Alt-Right trolls for a purpose. By leaving sites specifically aimed at a radical right-wing audience and joining discussions at other message boards in, for example, the comment sections of major news venues, YouTube, and especially on Twitter, the Alt-Right is able to circulate its message widely. Alt-Right trolls help disperse the movement’s views far beyond what would be possible if the movement could only be found on its own platforms” (Hawley, 2017, p. 19-20).

desenvolvimento de personalização da esfera pública. Esse processo é responsável pelo encolhimento da retórica e das prescrições gramaticais e sua substituição por uma linguagem mais familiar, dialogada e pessoal que melhor se adequa à emergência das classes médias e suas respectivas reivindicações políticas e comerciais, características de uma sociedade de massa.

A incorporação dos sujeitos políticos no mundo volátil das redes sociais, contemporaneamente, vem inserindo ainda mais componentes de mudança a esse discurso político que até pouco tempo parecia impérvio. O uso regular de artifícios humorísticos em falas públicas é uma das consequências dessa mutação. Diante disso, a fim de ilustrar o nosso procedimento metodológico, efetuamos um breve exercício analítico a partir de trechos da fala pública do ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, proferida no dia 8 de julho de 2021. O discurso completo possui, em média, um minuto e quinze segundos. Entretanto, para a nossa análise, optamos pelo recorte de alguns trechos em que há uma materialização mais expressiva do discurso humorístico e do discurso de ódio. Eis os trechos:

Como é que tá a criação de barata aí? [risos de Bolsonaro e dos demais].
Ó o criador de barata aqui ó [risos de Bolsonaro e dos demais] [...].
Você não pode tomar ivermectina que vai matar teus piolhos todos
[risos de Bolsonaro e dos demais] (Uol, 2021⁷).

O ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, é o principal expoente político da extrema direita brasileira. A fala acima é apenas um exemplo de uma série de discursos de ódio racistas proferidos pelo ex-presidente (Folha de São Paulo, 2022). A retórica racista do ex-presidente está inserida em uma série discursiva que constitui a estética da extrema direita brasileira e é responsável de um atroz encadeamento entre preconceitos e violências, entre palavras e ações de ódio, de maneira bastante semelhante ao que Piovezani (2023) aponta em sua reflexão sobre a retórica homofóbica.

O que se diz e as maneira de dizer materializam as ideologias dos grupos e classes de uma sociedade. Como mencionamos na nossa seção destinada à fundamentação teórico-metodológica, o discurso, para Foucault, possui como uma das suas características a raridade. Essa marca discursiva aponta para a dimensão história e social que constitui o conteúdo e modo enunciativo de um dado enunciador. Assim, ao se referir

⁷ Trechos veiculados em: *Bolsonaro faz comentários sobre cabelo crespo: 'Criador de baratas'*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IRAQhsx_pKk. Acesso em: 20 jul. 2024.

ao cabelo crespo do seu apoiador e ao próprio apoiador, o ex-presidente optou pelas formulações *criação de barata* e *criador de barata*. Ele poderia ter optado pela construção *cabelo crespo*, *cabelo* ou outras construções, porém a escolha regular desses termos concorre para o assentamento de um já-dito relacionado a uma rede de dizeres que o precedem.

Em suas reflexões sobre a história da beleza negra no Brasil, Braga (2023) atenta-se à maneira como os conceitos de beleza negra irrompem no período escravocrata e, ao longo do tempo, são entrelaçados por um enredo que envolve memórias, exclusões e retomadas. Desse modo, o enunciador, ao associar o cabelo crespo da vítima da piada racista a uma criação de barata, inseto relacionado a um estigma social disfórico, ou seja, asqueroso e nauseabundo, se insere em uma formação discursiva de extrema direita na qual produz um efeito que vai de encontro aos discursos eufóricos sobre o empoderamento do cabelo crespo disseminados na contemporaneidade.

O uso do humor como estratégia discursiva para a disseminação do discurso e ódio é um aspecto regular da retórica da extrema direita brasileira, como apontamos nas seções acima. A concentração do humor na fala do ex-presidente é marcada tanto pelo uso de termos informais, como *aí*, *ó*, dentre outros, como pelo riso uníssono de Bolsonaro e dos demais após as declarações racistas.

A respeito do riso fascista, Pisanty (2022) afirma que ninguém ri sozinho. O riso compreende alguém que o desperta, o humorista, alguém que ri, o cúmplice, e alguém de quem se ri, a vítima. Além disso, a autora trata de várias facetas da risada fascista: a miliciana, a racista, a sexista, a proibida e a do homem comum. Cada uma dessas faces do riso era um meio de os fascistas tentarem alcançar um único fim: apontar um inimigo, persegui-lo, diminuí-lo e ridicularizá-lo. Assim, percebemos a irrupção contemporânea de um humor racista já difundido durante o fascismo italiano. A necessidade de aceitação/pertencimento grupal é uma característica intrínseca ao ser humano, fato que possibilita o riso até mesmo da própria vítima em uma situação em que ela está sendo humilhada e ridicularizada pelo enunciador e pelos cúmplices, como constatamos no nosso objeto de análise.

A análise acima demonstra, assim, que há uma mutação discursiva em relação aos modos de dizer, tendo em vista que o discurso de ódio contemporâneo se adapta ao uso de estratégias humorísticas regulares no ambiente digital. No entanto, há a manutenção do que se diz e dos respectivos efeitos gerados para esses sujeitos, o que vai ao encontro da tese de um fascismo eterno de Eco (2019). Por isso, devemos nos atentar aos novos

sentidos dessa ideologia histórica, pois “o Ur-Fascismo ainda está ao nosso redor, às vezes em trajes civis” (Eco, 2019, p. 60).

Considerações finais

Apresentamos, neste artigo, alguns resultados de nossa pesquisa de Mestrado e desenvolvimentos iniciais de nossa pesquisa de Doutorado, cuja proposta é analisar o funcionamento da *trollagem* no discurso político brasileiro, focalizando particularmente seus usos na extrema direita, durante e após as campanhas presidenciais de 2018 e de 2022 a fim de identificar, descrever, categorizar e interpretar as principais propriedades da *trollagem*, a produção de seus efeitos, a materialização de seus afetos e as possíveis mutações discursivas que ela promove em modos de dizer do discurso de ódio no campo político.

Inicialmente, apresentamos de maneira concisa alguns resultados que já obtivemos sobre o tema em pesquisas anteriores, além de algumas discussões sobre a ascensão da extrema direita no cenário político brasileiro contemporâneo e seus usos dos efeitos de humor na materialização de discursos de ódio, sobretudo por meio do emprego da *trollagem*. Ademais, tecemos algumas considerações de ordem teórica e metodológica sobre a fundamentação de nossas reflexões e análises. Por fim, efetuamos um breve exercício analítico a respeito de uma fala pública do ex-presidente do Brasil Jair Bolsonaro.

Entre outros resultados de nossa análise, destacamos que a ascensão da *trollagem* da *deep web* para o discurso político revela como essa prática está provocando transformações no discurso político brasileiro. Além disso, essa estratégia discursiva é fundamental para a construção estética da extrema direita, especialmente no que diz respeito ao uso do discurso de ódio disfarçado sob a aparência de humor inofensivo.

REFERÊNCIAS

AHMED, Reem; FIELITZ, Maik. **It's not funny anymore. Far-right extremists' use of humour**. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2021.

BRAGA, Amanda Batista. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas** / Amanda Batista Braga. – Documento eletrônico. – São Carlos: EDUFSCar, 2023.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CHIARI, G. **Da abertura política às eleições de 2018**: um estudo sobre as metamorfoses da agressividade no discurso político brasileiro. 2021. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

COURTINE, J. **Metamorfoses do discurso político**: as derivas da fala pública. Trad. Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

COURTINE, J; PIOVEZANI, C. **História da fala pública**: uma arqueologia dos poderes do discurso. Petrópolis: Vozes, 2015.

ECO, U. **O fascismo eterno**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. Bolsonaro acumula frases preconceituosas contra diferentes alvos; relembre. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 7 fev. 2022.

FOUCAULT, M. Resposta a uma Questão. *In*: FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**. Coleção ditos e escritos VI. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 1-24.

FOUCAULT, M. **Aulas sobre a vontade de saber**: curso no Collège de France (1970-1971). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

GEORGALIDOU, M. “Stop caressing the ears of the hooded” Political humour in times of conflict. *In*: TSAKONA, Villy; POPA, Diana. (Org.). **Studies in political humour**: in between political critique and publique entertainment. Amsterdam: John Benjamins B.V, 2011. p. 83-107.

HAWLEY, G. **Making sense of the alt-right**. Columbia University Press, 2017.

LAMERICHS, N. *et al*. Elite male bodies: the circulation of Alt-Right memes and the framing of politicians on social media. **Participations**, v. 15, n. 1, p. 180- 206, 2018. Disponível em: <https://participations.org/Volume%2015/Issue%201/11.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2024.

NASCIMENTO, M. **O acontecimento da trollagem na ordem do discurso político brasileiro**: limites entre o humor e o discurso de ódio. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/23528?locale=pt_BR. Acesso em: 14 set. 2023.

ORLANDI, E. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

PIOVEZANI, Carlos; GENTILE, Emílio. **A linguagem fascista**. São Paulo: Hedra, 2020.

PIOVEZANI, C. A polêmica como pretexto: elementos da retórica homofóbica. *In*: ZANDWAIS, Ana. (org.) **A polêmica**: discurso e argumentação. Campinas: Mercado de Letras, 2023.

PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. **Os discursos e as emoções**: ódio, medo, vergonha e outros afetos. São Paulo: Parábola, 2024.

POSSENTI, S. Estudos Linguísticos, humor, política e ensino de Língua. **Revista Heterotópica**, v. 2, n. 1, p. 51–60, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/HTP-v2n1-2020-55561>. Acesso em: 20 jul. 2024.

PISANTY, Valentina. **La risata fascista**. Fondazione Giangiacomo Feltrinelli. ISBN 978-88-6835-478-7. 2022.

RECUERO, Raquel. O twitter como esfera pública: como foram descritos os candidatos durante os debates presidenciais do 2º turno de 2014?. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, 2016, vol. 16, n. 1, p. 157-180.

SOUZA, A. **Limites do humor**: o funcionamento discursivo da polêmica. 2017. 185 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

UNITED NATIONS. **United nations strategy and plan of action on hate speech**. 2019. Disponível em: https://www.un.org/en/genocideprevention/documents/advising-and-mobilizing/Action_plan_on_hate_speech_EN.pdf. Acesso em: 15 jun. 2024.

Como referenciar este artigo:

NASCIMENTO, Myllena. O funcionamento da *trollagem* na política brasileira: uma análise discursiva de efeitos de humor no discurso racista da extrema direita. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.46, n.1, p. 139-155, 2024.

Submetido em: 31/07/2024

Aprovado em: 08/01/2025